

A LENDA DO CAVALEIRO DE ANDRÔMEDA: CONSTRUÇÃO DE FEMINILIDADES E MASCULINIDADES POR MEIO DE UM *PERSONA**

The Legend of the Andromeda Knight: Construction of femininities and masculinities through a persona

Janaina Wazlawick Muller¹
Saraí Patricia Schmidt²

RESUMO

O presente artigo versa sobre as discussões advindas das mudanças realizadas no personagem Shun, pertencente à trama de *Os Cavaleiros do Zodíaco*, para a adaptação anunciada pela *Netflix*. A partir do protagonista, e considerando as controvérsias em decorrência do lançamento do *trailer* da adaptação, serão elaboradas reflexões entrelaçadas à construção da feminilidade e da masculinidade, e às interpretações do público em torno da representatividade enunciada pelo personagem em questão. Para tanto, serão abordados os argumentos dos autores: Butler (2001; 2010), Sabat (2003) e Moreno (2008), além da exposição de comentários selecionados de fãs na página de exibição do *trailer*.

Palavras-chave: Gênero. Heteronormatividade. Personagem.

* Para a realização do presente estudo, prestamos agradecimentos pelos incentivos propiciados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

¹ Doutoranda e Mestra em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale, com bolsa Capes. Licenciada em História pela mesma Universidade. *E-mail:* janainaw@feevale.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente nos programas de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais, e Diversidade e Inclusão Social na Universidade Feevale. *E-mail:* saraischmidt@feevale.br

Revisão: Priscila Trevisan

Data de submissão: 8.4.2019

Data de aceite: 26.12.2019

ABSTRACT

This article discusses the changes that took place in the character Shun, belonging to the plot of “The Knights of the Zodiac”, for the adaptation announced by Netflix. From the protagonist, and considering the controversies arising from the launch of the trailer of adaptation, will be elaborated reflections intertwined to the construction of femininity and masculinity, and the interpretations of the public around the representativeness enunciated by the person in question. To do so, the arguments of the authors will be addressed: Judith Butler (2001, 2010), Ruth Sabat (2003) and Rachel Moreno (2008), as well as the exhibition of selected comments from fans on the trailer’s display page.

Keywords: Gender. Heteronormativity. Character.

INTRODUÇÃO

Os *Cavaleiros do Zodíaco* é um *anime*³ adaptado a partir dos quadrinhos do autor Masami Kurumada⁴ e cuja estreia na televisão japonesa ocorreu em 1986. Bem sucedida na audiência, os direitos de transmissão da animação foram comprados por outros países, incluindo o Brasil, onde o primeiro episódio foi exibido em 1994 pela Rede Manchete.⁵ A história, que proporcionou a consolidação de uma base brasileira de fãs de *animes*, tinha como plano de fundo a mitologia grega e acompanhava cinco jovens treinados em diferentes pontos do mundo. O objetivo era sacrá-los cavaleiros, incumbindo-os da missão de proteger a reencarnação da deusa Atena na Terra.

Entre batalhas violentas, superação de obstáculos e lutas contra os mais diversos oponentes, *Os Cavaleiros do Zodíaco* não permaneceu apenas como mangá ou série animada – foram criados episódios especiais, filmes, novas adaptações que ampliaram a história original, e os *reboots*.⁶ É nesse último que se encaixa o anúncio da *Netflix*, empresa líder no serviço de assinatura *online* de televisão, e que lançou, no dia 8 de dezembro de 2018, o *trailer* promocional do que seria uma versão diferenciada de *Os Cavaleiros do Zodíaco*. A obra original é modificada no processo de realização de um *reboot*, e as possíveis motivações para uma reinicialização podem incluir a ambição de alcançar um novo público,

³ Animação japonesa.

⁴ Reconhecido autor de mangás (nome dado aos quadrinhos japoneses) nascido em Tóquio, no ano de 1953. Sua obra de maior fama é *Os Cavaleiros do Zodíaco*.

⁵ Também conhecida como TV Manchete, foi uma rede de televisão brasileira. Extinta no ano de 1999.

⁶ Correspondendo a sua tradução literal do inglês, “reiniciar”, um *reboot* é a reinicialização de uma obra de ficção.

adaptar para um contexto, conquistar crescimento mercadológico, entre outros pontos. Entretanto, na versão anunciada pela *Netflix*, uma das alterações provocou controvérsia: o Cavaleiro de Andrômeda chamado Shun, um dos protagonistas, seria transformado em mulher. O vídeo de divulgação fez o público entrar em debate e a comoção manifestou-se no índice de aprovação e rejeição do *trailer*, que conta com 1.063.019 visualizações⁷: cerca de 38 mil⁸ reações de aceite e mais de 30 mil⁹ reações de “não gostei” no *Youtube*.¹⁰

Esclarece-se que, no enredo de *Os Cavaleiros do Zodíaco*, desde o mangá lançado na década de 1980 até as animações em suas temporadas e adaptações diversas, existe algo marcante e que permaneceu uma constante entre os fãs: o grupo protagonista de cinco cavaleiros formado por Seiya de Pégaso, Hyoga de Cisne, Shiryu de Dragão, Ikki de Fênix e Shun de Andrômeda. Cada um deles está associado a uma constelação, tem características próprias, passado e objetivos que os particularizam. Ressalta-se que os protagonistas são todos homens, e isso, em um primeiro olhar, poderia promover a interpretação unilateral de que as reações negativas do público estariam vinculadas exclusivamente a um anúncio do heteronormativo. Afinal, a animação original expõe um determinado tipo de masculinidade e a narrativa tem foco na ação, nas lutas e na agressividade. Incluir uma protagonista mulher poderia ser entendido como uma desestruturação de personagens hegemônicos.

Contudo, alicerçando-se em Shun e nas significações que ultrapassam as impressões iniciais, tenciona-se questionar a hegemonia dos personagens com o argumento de que as normas regularizadoras do gênero não estão fundamentadas somente no feminino, e envolvem, também, uma perspectiva institucionalizada do masculino. Shun é delineado na trama como um dos cavaleiros mais poderosos, porém, sua personalidade, e inclusive aparência, é contraditória em comparação com seus companheiros de equipe – o jovem é um pacifista, sensível e gentil. Seus traços delicados, o corpo esguio, a armadura cor de rosa, ser o único entre os cinco protagonistas regido por uma constelação feminina (Andrômeda) são alguns dos elementos que fizeram com que Shun fosse bastante lembrado pelo público.

⁷ Número registrado no dia 1º de abril de 2019.

⁸ Número registrado no dia 1º de abril de 2019.

⁹ Número registrado no dia 1º de abril de 2019.

¹⁰ O *Youtube* é uma plataforma na qual são compartilhados vídeos. Entre as ferramentas disponíveis, está a possibilidade de o usuário avaliar um vídeo a partir de dois ícones: o polegar para cima associado ao “gostei” e para baixo, “não gostei”.

Na avaliação do *trailer*, há mais reações positivas do que negativas. No entanto, cabe refletir acerca das reações do público e do que são constituídos os comentários presentes na página. Para tanto, primeiramente, será analisado o personagem Shun, considerando o enredo da animação e as interpretações vinculadas ao cavaleiro e pensando em questões como heteronormatividade e o gênero enquanto manifestação regulatória do sujeito. Salienta-se a importância da discussão em torno da animação e seu *reboot*, visto que a polêmica advinda do lançamento do vídeo estendeu-se de tal modo que o roteirista responsável pela produção, Eugene Son, publicou justificativas em uma rede social. E soma-se o fato de que, sendo *Os Cavaleiros do Zodíaco* uma produção de amplo alcance, que ocasionou discussões associadas a gênero e representatividade, torna-se essencial pensar nas significações que envolvem a mudança de Shun. Para isso, o trabalho será alicerçado na noção de Gaiola Normativa,¹¹ entrelaçando-a com os estudos de Butler (2001, 2010), Sabat (2003) e Moreno (2008).

1 SHUN E *OS CAVALEIROS DO ZODÍACO*

Seus poderes vêm dos cosmos e eles são regidos pelas estrelas. Cada constelação tem um cavaleiro representante que, ao usar uma armadura a ser conquistada com árduo treinamento, deve ser fiel a uma única missão: proteger a reencarnação da deusa Atena, responsável por proteger e manter a paz na Terra. Esse é o enredo base de *Os Cavaleiros do Zodíaco*, o mangá de sucesso que rendeu animações em séries e filmes, *videogames*, figuras de ação e fantasias, entre outros artigos.

A trama principal conta com cinco jovens protagonistas: Seiya de Pégaso é o líder, um garoto brincalhão e corajoso; Shiryu de Dragão é sério e compenetrado; Hyoga de Cisne é melancólico e maduro; Ikki de Fênix é complicado e violento; Shun de Andrômeda é calmo e pacifista. Os rapazes são órfãos e foram reunidos ainda criança para um sorteio. Cada um deles foi designado para uma parte do mundo, onde seria recebido por um mestre e passaria por anos de treinamento, a fim de conquistar sua armadura. Essa era a condição para que pudessem voltar ao Japão, cumprindo o objetivo lendário de manter a salvo a forma humana da deusa Atena, que reencarnou em uma jovem milionária chamada Saori.

¹¹A expressão *Gaiola Normativa* foi desenvolvida a partir das ideias de regulação e congelamento de gênero de Butler (2001; 2010) e da atuação dos mecanismos de controle. (SABAT, 2003; BUTLER, 2010).

Os cinco cavaleiros são seus principais protetores, mas a deusa não conta somente com a intervenção deles – há uma gama de guerreiros, divididos em hierarquias conforme tempo de treinamento, experiência e tipo de armadura. Afora os cavaleiros, têm-se as amazonas, que pertencem a hierarquias diferentes e devem seguir regras específicas, que não são aplicadas ao grupo de cavaleiros homens. Explica-se que, no universo criado por Kuramada, quando decide virar aspirante a amazona, exige-se da mulher a renúncia à feminilidade – conectada, na trama, à beleza facial, resultando no uso perpétuo de uma máscara. Uma vez consagrada guerreira, a amazona tem a opção de ser uma mestra e ampliar seus poderes, aceitando pupilos (amazonas e cavaleiros) para treinamento. Em *Os Cavaleiros do Zodíaco*, duas guerreiras são apresentadas com maior tempo de tela: Marin de Águia, mestra do protagonista Seiya, e Shina de Cobra, inicialmente inimiga e depois aliada do grupo de cinco guerreiros.

Postos estes esclarecimentos, chega-se a Shun. Ele é o mais jovem entre os cavaleiros, e o único que não tem gosto pela luta. Irmão mais novo de Ikki, ambos foram retirados de um orfanato para que pudessem ser guerreiros. Na ocasião do sorteio, Shun foi designado para a “Ilha da Rainha da Morte”, um local hostil caracterizado pela presença de um vulcão permanentemente ativo. Consciente da sensibilidade do irmão e de sua falta de agressividade, Ikki candidatou-se a ir em seu lugar e passar pelo treinamento; Shun acabou na “Ilha de Andrômeda”, sendo treinado por um mestre mais brando e não necessitando mudar sua personalidade para conquistar a armadura. Ao retornar para o Japão, o único interesse do garoto é reencontrar o irmão mais velho, diferentemente dos outros cavaleiros, que buscam vitórias e glórias.

De fato, ao longo da narrativa, é perceptível que os atributos marcantes de Shun se distinguem dos demais personagens: ele é frágil, inocente e acredita na redenção dos inimigos. Cada luta da qual participa é contra sua vontade, pois prefere o diálogo e a resolução de conflitos sem violência. Outras disparidades estão no desenho de sua aparência, dado que as feições de Shun são delicadas e ele não tem tantos músculos quanto seus companheiros.

Figura 1 – Os Cavaleiros do Zodíaco



Fonte: Pinterest.

Na figura acima, Shun é aquele com cabelos em tons de verde. O jovem loiro é Hyoga, no centro encontra-se Seiya, no canto superior esquerdo Shiryu e no direito, o irmão de Shun, Ikki. No decorrer da série, os personagens passam por batalhas, e a personalidade de cada um logo fica clara para o espectador, visto que as contradições entre eles provocam tensões e desentendimentos. Por exemplo: por ser o líder, Seiya é destemido e imprudente, tomando decisões que terminam em repreensões por parte de seus colegas mais sérios, como é o caso de Shiryu e Hyoga. Já os irmãos são apresentados como completos opostos: Ikki é feroz e, na primeira parte da animação, é exposto como um vilão – um cavaleiro que desrespeita seu juramento de proteger a deusa Atena e ataca impiedosamente e com crueldade.

Posteriormente, e motivado pelas lágrimas de Shun, que se aflige pelos caminhos perigosos escolhidos pelo irmão, Ikki se redime e muda de lado,

passando a lutar em favor de Atena. Porém, ainda assim, a base de sua personalidade não se modifica, e os dois continuam numa dicotomia: Ikki agindo com frieza e preferindo a solidão, enquanto que Shun é ingênuo, bondoso e demonstra constantemente empatia com seus inimigos.

Ressalta-se que o Cavaleiro de Andrômeda é figura frequente em discussões referentes ao andamento da trama, especialmente pela comparação constante feita entre ele e os demais personagens. Os questionamentos acerca de Shun e suas particularidades estão alicerçados nas expectativas geradas pelo gênero *shonen*,¹² no qual o mangá e a animação estão inseridos. Nesses enredos, há alguns elementos em comum que servem como marcas constituintes do gênero citado. Exemplifica-se com o seguinte: uma história centrada em um protagonista masculino, grande número de batalhas, e a instituição de etapas para ganho de poder do herói. O *shonen* é tradicionalmente caracterizado por uma produção de masculinidade heteronormativa, em personagens que perpetuam a crença de que a exposição de sentimentos é uma fraqueza, e em enredos que limitam as personagens femininas a situações de vulnerabilidade e resgate. São tramas focadas no aumento de força do protagonista, e nas vitórias sobre os vilões que aparecem na jornada.

Fundamentando-se nas expectativas geradas por esse gênero, em que o leitor e espectador já esperariam certa conduta e desenvolvimento de personagem, afirma-se que as leituras abrangendo Shun estão entrelaçadas com a Gaiola Normativa. Nesse sentido, a Gaiola tem o propósito de delimitar o espaço de ação do cavaleiro, que passa por um processo nomeado por Butler (2001; 2010) como congelamento de gênero: a naturalização e fixação do gênero como algo inato e enunciado no estabelecimento de normas. Essas, por sua vez, são, na perspectiva de Sabat (2003, p. 66), entendidas na ação da heteronormatividade, que compele conduta, aparência, ações e objetivos homogeneizantes e reiteram a “[...] constituição das identidades de gênero e sexuais ‘normais’.”

Shun de Andrômeda exprime particularidades que transgridem o dito “normal”. E tal transgressão destacou-se já na época da estreia de *Os Cavaleiros do Zodíaco* na Rede Manchete, dado que a animação era exibida num programa chamado *Clube da Criança* junto a outras animações japonesas, tais como *Shurato* e *Yu Yu Hakusho* – esses dois títulos¹³ tinham em comum a existência de protagonistas homens,

¹² No japonês, 少年漫画 . Publicações e animações direcionadas ao público jovem masculino.

¹³ Exemplos de tramas do gênero *shonen*. Ambos estrearam no Brasil pela Rede Manchete, respectivamente em 1996 e 1997: *Shurato* trazia o protagonista-título como um guerreiro temperamental, e *Yu Yu Hakusho* tinha como personagem principal o adolescente e delinquente Yusuke.

guerreiros, agressivos, viris e que buscavam o aumento de sua força física. Ou seja, estavam inseridos num sentido hegemônico de masculinidade. Por ser divergente, Shun acabou alvo de interpretações que incluíam opiniões de cunho vexatório, e a associação da gentileza e empatia a uma suposta fraqueza, como se esses fossem atributos destoantes e negativos para a história. Tal julgamento teve consequências no mercado, como se observa num ocorrido em 2016, quando uma loja de departamentos comercializou camisetas para o público masculino com a estampa dos principais personagens de *Os Cavaleiros do Zodíaco*, e excluiu Shun da coleção¹⁴. Outro aspecto está nos rumores de um relacionamento amoroso entre ele e seu companheiro de equipe, Hyoga, o que se deve a um episódio em especial, em que o Cavaleiro de Cisne, por causa de um ataque, teve o corpo congelado e ficou à beira da morte. Com o propósito de salvá-lo, Shun o abraçou para devolver a ele o calor e tirá-lo de perigo. O mero abraço entre os dois foi o suficiente para que suposições surgissem, e que questionamentos a respeito dos interesses amorosos de Shun se tornassem uma das questões centrais a envolvê-lo.

Averigua-se em ambos os casos a influência do personagem – ele não está presente apenas na ficção; manifesta-se na forma de compreender dinâmicas de gênero, preconceitos e estabilizações. Nas palavras de Costa (2002, p. 27), o personagem é “[...] a pedra de toque da ficção, pois é ele quem desencadeia o processo de identificação que rompe com quaisquer amarras que ainda se tenha com nossa circunstância e objetividade”. No que tange a Shun, ocorre uma dinâmica contrária que, ao invés de identificação e aproximação, promove distanciamento, como foi mostrado no exemplo da coleção de camisetas. Na comercialização, julgou-se que o público-alvo não se identificaria com um cavaleiro mais sensível, cuja cor predominante é o rosa. Aponta-se nisso, novamente, a ação da Gaiola Normativa, que limita a compreensão de conduta e, até mesmo, de cores, à conformidade heteronormativa. Na figura abaixo, de maneira a realçar os entendimentos em torno das ações de Shun, tem-se um meme¹⁵ que exprimiria a relação com Hyoga.

¹⁴ Informações disponíveis em: <https://maisdeoitomil.wordpress.com/2016/08/16/ca-lanca-roupas-de-cavaleiros-mas-se-esquece-de-um-deles/>. Acesso em: 11 jan. 2019.

¹⁵ Refere-se a imagens, frases, vídeos, entre outros formatos, que se espalham rapidamente por usuários na internet.

Figura 2 – “O que acontece na Casa de Libra, fica na Casa de Libra”



Fonte: Pinterest

Nesse olhar, uma amizade entre homens numa animação *shonen* não poderia existir, visto que os heróis deveriam concentrar-se em batalhas, e demonstrações de sentimento e empatia estão em desacordo com atributos ditos tradicionalmente masculinos, tais como virilidade, coragem e força. São traços que pontuam a divisão entre os gêneros, regulando-os e se vinculando à consideração de que o gênero é uma construção cultural que não foge aos discursos pertencentes à sua existência, e que abrangem regras, valores, objetivos, contextos e atos,

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (BUTLER, 2010, p. 194, grifos da autora).

A colocação de Shun como tendo interesse amoroso em Hyoga vem ao encontro da representação do personagem: entre os cinco, criou-se a expectativa de que o cavaleiro teria uma espécie de predisposição a determinada orientação sexual, condicionando-o a regras que instituiriam não apenas quem ele deveria ser, mas também por quem deveria nutrir

afetividade. E, mesmo que houvesse desenvolvimento de romance entre os personagens, o ponto de vista vexatório externado pelo público traz a corroboração da heteronormatividade. Por fim, na construção de sujeitos no *shonen*, Shun seria o suposto enunciador de signos que lhe forneceriam contornos precisos: um personagem destoante e incapaz de se destacar em termos de poder quando comparado aos demais cavaleiros da trama.

Contudo, justamente por ser destoante Shun não permanece ligado somente ao heteronormativo. Pensando no *shonen*, observa-se que os outros quatro protagonistas se fundamentam numa edificação normalizadora de masculinidade: eles se focam na derrota de seus inimigos, na luta com agressividade, na perpetuação da violência, e na virilidade de sua aparência – enfatizando que os jovens têm no início da história entre 14 e 16 anos, embora pareçam mais velhos. Nisso, afirma-se que a Gaiola Normativa não se manifesta unicamente para aqueles que são interpretados como destoantes, mas para os sujeitos que correspondem aos ditames. Seiya, Shiryu, Hyoga e Ikki emitem uma masculinidade julgada correta, o que faz com que o público enxergue neles a produção de uma identidade hegemônica, “[...] como aquela que corresponde aos padrões socialmente aceitos e definidos por um contexto cultural dominante”. (SABAT, 2003, p. 94).

Shun, por outro lado, apresenta conjuntura particular e que, apesar de julgada e, muitas vezes, condenada, traz uma transgressão. Principalmente, traz uma opção. Em um *shonen* tradicional, com personagens predominantes e cujas animações consolidaram-se no cenário brasileiro da década de 1990, Shun expôs ao público a multiplicidade. Emoção, gentileza e empatia o constituíam enquanto personagem, somando-se à sua trajetória e tornando cada luta, obstáculo e vitória, exemplos de que não é uma virilidade normalizadora, ou a violência exercida em prol da busca pela vitória, que fortalece o indivíduo.

Afinal, Shun de Andrômeda é protagonista de *Os Cavaleiros do Zodíaco* e um dos mais fortes guerreiros do universo de Kuramada. Nas palavras de Costa (2002, p. 12), a ficção é “[...] essa forma peculiar da comunicação humana que, estimulando a imaginação e o devaneio, propõe uma experiência intersubjetiva na qual a realidade que a circunda se apresenta de forma indireta”. Ao subverter as fórmulas do *shonen*, Shun anuncia-se para além da ficção e demonstra a um amplo público que a Gaiola Normativa não tem ação perpétua, que a gentileza também é um caminho para a glória, que a empatia não diminui as porcentagens de sucesso, e que cores de uma armadura não definem quem o sujeito é ou deseja ser.

2 SHAUN: ENTRE A TRANSGRESSÃO E A HETERONORMATIVIDADE

Após apresentar Shun e refletir sobre suas significações e subversões, chega-se às discussões geradas pelo *reboot* organizado pela *Netflix*. Conforme esclarecido anteriormente, na realização de um *reboot* a trama original passa por mudanças, a fim de atingir um novo público e se adequar a um contexto, entre outras motivações. Recentemente, animações entendidas como clássicas foram submetidas a um processo de adequação orientado para a nova geração de público. É o caso de *Popeye*,¹⁶ que ao invés do charuto usa um apito, e de *She-Ra*,¹⁷ que deixou de ser uma mulher sensual e abandonou as saias curtas e o salto alto em sua luta contra o mal.

Seguindo essa linha, os responsáveis pelas modificações em *Os Cavaleiros do Zodíaco* entenderam que, para alcançar sucesso, a animação deveria passar por uma reformulação, em razão de que o público, condicionado por discussões, conjunturas e transformações ocorridas nas últimas décadas, não teria a mesma afeição pela trama e pelos personagens se esses permanecessem no formato de outrora. Desse modo, o principal elemento de tal reformulação, afóra questões técnicas relacionadas ao desenho e às tecnologias utilizadas, foi o personagem Shun, que se tornou uma mulher. Nomeada como Shaun, a cavaleira aparece pouco no *trailer* disponibilizado pelo canal *Netflix Brasil* no *Youtube* – tanto que as maiores indicações da mudança evidenciam-se na dublagem¹⁸ e em indícios de seios no formato da armadura.

Com a descoberta de Shaun, iniciou-se pela internet um debate que não apenas repercutiu nos números de avaliação do *trailer*, como incluiu comentários em redes sociais. Foi o caso do *Twitter*,¹⁹ em que as publicações foram tão frequentes que o personagem manteve-se como *trend topic*²⁰ ao longo de sete horas no dia 9 de dezembro. Nesse mesmo dia, e se estendendo até a data de 15 de fevereiro, houve um pico de buscas pela combinação dos termos “shun, mulher” no *Google*, como percebe-se na imagem a seguir.

¹⁶ Personagem que surgiu nos quadrinhos estadunidenses em 1929 em, posteriormente, foi adaptado para animação em 1933. O personagem-título é um marinheiro que, ao comer espinafre, adquire excepcional força física.

¹⁷ Animação estadunidense produzida em 1985. Tem como protagonista a personagem-título, She-Ra, uma princesa guerreira com grande força física e habilidade na espada.

¹⁸ Shaun terá a voz da dubladora Úrsula Bezerra na versão brasileira.

¹⁹ Rede social pela qual os usuários enviam e recebem mensagens. Cada texto pode conter até 280 caracteres e são conhecidos como tweets.

²⁰ Listagem das palavras que estão sendo comentadas com maior frequência por usuários no *Twitter*.

Figura 3 – Margem de pesquisas acerca da mudança do personagem

Fonte: Google Trends.

Devido à repercussão, o roteirista e produtor responsável pelo projeto, Eugene Son, pronunciou-se no *Twitter*, com o intuito de esclarecer a mudança e expor as motivações para que Shun se tornasse Shaun. Segundo ele, era preocupante que numa obra de tamanho impacto, como *Os Cavaleiros do Zodíaco*, o grupo de protagonistas fosse formado exclusivamente por homens. Para Son, Shaun foi concebida para alcançar maior público e corresponder às discussões de gênero e protagonismo feminino, visto que, nas décadas de 1980 e 1990, era costumeiro que o mundo fosse salvo por rapazes, expressando um padrão internalizado. Atualmente, os olhares são outros, e na dinâmica de expansão e multiplicidade, precisou-se moldar o personagem para que se inserisse numa nova perspectiva.²¹ Todavia, as justificativas não foram suficientes e, após sucessivas críticas e ataques, o roteirista terminou por excluir sua conta no *Twitter*. Parte do público continuou refutando a ação e debatendo acerca das opções e possíveis motivações além daquelas expostas por Eugene Son. Alguns comentários diziam respeito às mulheres já existentes na série, que poderiam ter sua participação alavancada, e outros se focavam no questionamento da escolha de Shun para passar pela alteração.

Nota-se, mediante a apresentação anteriormente feita do enredo e estrutura básica do universo de *Os Cavaleiros do Zodíaco*, que há poucas personagens femininas. Destacam-se três: Saori, que é a reencarnação da

²¹Embora a conta do roteirista tenha sido excluída, pode-se encontrar traduções de suas publicações em *sites*, a exemplo do CinePop. Disponível em: <https://cinepop.com.br/os-cavaleiros-do-zodiaco-netflix-transformou-andromeda-em-mulher-e-os-fas-surtaram-196081>. Acesso em: 15 jan. 2019.

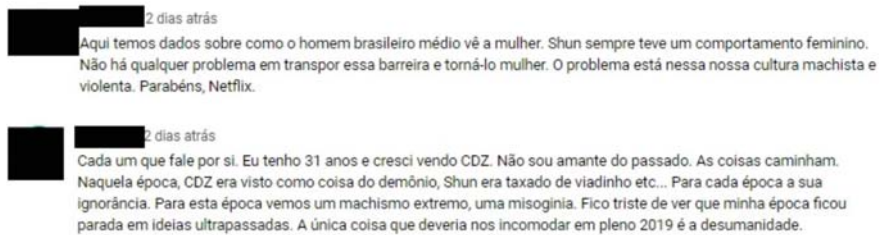
deusa Atena, Marin, a mestra de Seiya de Pégaso, e Shina, a amazona regida pela Cobra. Apesar da importância, e de ser por ela que todos os protagonistas lutam, Saori tem participação baseada em seu constante salvamento – em cada saga do mangá e da animação, a personagem é atacada ou sequestrada, exigindo a ação dos heróis, que impedem sua morte. Por ter o poder de uma deusa, é reconhecido que Saori possui extrema força, maior do que a de seus protetores. No entanto, o potencial é pouco explorado no decorrer da história, se comparado ao foco dado aos cavaleiros. No caso de Marin, por mais que seja ela a responsável por treinar Seiya, tido como o principal entre os cinco cavaleiros, suas aparições são breves, e Shina, a despeito de sua capacidade de luta, também não conta com relevante participação ao longo das temporadas.

Dito isso, uma das alternativas dadas pelos fãs foi a de aumentar a presença e a expressão de personagens femininas já existentes, ou modificar algumas características, como a obrigação das Amazonas de usarem máscaras. Não obstante, Marin e Shina permanecem em papéis secundários, e Saori continua como o incentivo para que os guerreiros lutem, mas sem estar presente na luta de fato. Pois, de acordo com Son, Marin e Shina já eram muito poderosas, e não havia a intenção de alterar Saori excessivamente.²²

Sem querer criar uma personagem completamente nova, a equipe voltou-se aos protagonistas originais. E escolheu justamente Shun, com o pretexto de adequá-lo às exigências de um novo contexto e público. Contudo, nas discussões desencadeadas, cabe refletir sobre as razões e consequências da mudança. Afinal, o debate entre os fãs abrangeu questões complexas, que serão abordadas em conjuntos de comentários selecionados. Na página da *Netflix*, em que foi veiculado o *trailer*, há 16.843²³ publicações de opiniões que trazem falas variadas: aquelas que contestam o tipo de animação utilizada, e outras que mostram incômodo com a proposta da *Netflix* e sugerem que a empresa jamais adquira os direitos de outras animações populares. Porém, entre os milhares de comentários, destacam-se aqueles que tratam particularmente de Shun. Neles é enunciado o debate, em razão de que há indivíduos que concordam com a criação de Shaun, outros que a recriam. Abaixo, foram reunidos comentários feitos por aqueles que aprovam a modificação.

²² Segundo tradução feita pelo site Omelete: “Existem várias personagens femininas no anime e mangá. Marin e Shina são incríveis. Mas as duas já são muito poderosas – ninguém quer vê-las transformadas em Cavaleiras de Bronze. [...] Mas eu não queria criar uma nova personagem que se destacaria e ficaria óbvia – especialmente se ela não é criada naturalmente e não tem uma personalidade além de ‘ser uma garota’.” Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/os-cavaleiros-do-zodiaco-roteirista-fala-sobre-mudanca-em-shun>. Acesso em: 15 jan. 2019.

²³ Número registrado no dia 1º de abril de 2019.

Figura 4 – Comentários de aprovação do público

Fonte: Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=oa7sVeYkrKA>)

Primeiramente, alega-se que os comentários de aprovação ao vídeo eram poucos, principalmente se comparados aos de rejeição. As falas selecionadas discorrem sobre os pontos positivos de Shaun, que seria uma representação feminina em uma animação de enredo heteronormativo, e que as reações negativas seriam uma demonstração de como o discurso misógino permanece atuante. Realmente, as diferenças de interpretações de homens e mulheres são visíveis na dinâmica social, pensando que, apesar dos espaços de debate, a Gaiola Normativa evidencia discursos que tendem a fabricar os sujeitos (BUTLER, 2010), demarcando atributos e delimitações que orientam modos (in)adequados para existir e mostrar-se ao mundo como homem e como mulher. São fronteiras que definem, estabilizam e fixam, facilitando a exclusão. Na negação de Shaun, de fato, nota-se a agressividade de uma fala que despreza o feminino ao associá-lo à fraqueza, expondo a masculinidade heteronormativa como um padrão a ser reiterado pelo grupo social. Segundo Silva (2000, p. 83), “normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas”. Desse modo, os outros quatro cavaleiros seriam a representação de um parâmetro através do qual Shaun é avaliado. Nos comentários a seguir, percebe-se a hierarquização que influencia na interpretação dos personagens; há uma fala que se encontra no topo da listagem por ter recebido maior número de aprovações,²⁴ além de 499²⁵ respostas. A seguir, encontram-se o comentário e algumas respostas selecionadas.

²⁴ Segundo registro do dia 1º de abril de 2019, o comentário em questão conta com 5.200 sinais de aprovação.

²⁵ Registro do dia 1º de abril de 2019.

Figura 5 – Comentários de rejeição do público



Fonte: Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=oa7sVeYkrKA>)

Observa-se que a personalidade de Shun é conectada ao feminino em uma concepção de menosprezo. Palavras como “florzinha”, “afeminado” e “mulherzinha” tendem a diminuir a mulher e correspondem à hierarquia anteriormente citada. Também se pontua o uso das expressões “baitola” e “viadão”, que denunciam não somente a perspectiva violenta voltada para o feminino, mas à homossexualidade. Portanto, sujeitos que são compreendidos fora da esfera edificada pela masculinidade normativa ditada pela Gaiola estariam na zona de abjeção, que, nas palavras de Butler (2001, p. 55), seria “[...] precisamente aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito [...]”

Shun, segundo os comentários destacados, não seria entendido como sujeito por estar relacionado ao feminino e à homossexualidade. Por consequência, aqueles que se reconhecem nessas identificações não seriam colocados na posição de sujeitos, dado que, conforme Costa (2002), a ficção é uma forma de experimentar a vida real. Retoma-se, ainda, uma das opiniões de aprovação, no qual se fazem necessários certos apontamentos: na primeira fala, é dito que Shun “sempre teve um comportamento feminino”. Novamente remete-se a uma estabilização, que, embora não contenha o mesmo conteúdo agressivo dos comentários de rejeição selecionados, traz uma hierarquia que demarca comportamentos. A sensibilidade e empatia voltam a ser classificadas como características estritamente femininas, alocando o masculino numa manifestação específica e excludente. Assim, entende-se que a construção identitária dos sujeitos governa-os de acordo com um contexto, e torna-se “[...] uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural”. (BUTLER, 2001, p. 155). Nos comentários, evidencia-se que determinadas pessoas seriam falhas no meio socializador, e tal percepção é expressa por meio de Shun.

Todavia, mesmo no grupo de rejeição o posicionamento não é homogêneo. Entre as falas, foram encontradas aquelas que não questionavam o personagem, e sim, a escolha da *Netflix* por Shun entre os cinco cavaleiros. Esclarece-se que, como ferramenta para atrair o público, uma empresa midiática deve se adaptar às tendências e discussões contemporâneas. Filmes e séries originais de *Netflix* compõem tal adaptação, promovendo maior investimento no protagonismo feminino,²⁶ o que incentivou a equipe de produção a desenvolver Shaun. Nos comentários abaixo, a discussão se alicerça exclusivamente na mudança do personagem, e nas significações que, como resultado, acabaram sendo alteradas pela escolha da *Netflix*.

²⁶ Exemplifica-se: *Unbreakable Kimmy Schmidt*, *Orange Is the New Black*, *Grace and Frankie*, *The Crown*, *Chilling Adventures of Sabrina*, *Marvel's Jessica Jones*. Todas as séries citadas, até o presente momento (18 jan. 2019), permanecem em exibição.

Figura 6 – Comentários de debate do público



Fonte: Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=oa7sVeYkrKA>).

A seleção de Shun para a modificação do gênero, ao invés de optar por outro dos personagens que integram o grupo principal, denuncia que a personalidade dos demais cavaleiros não estaria em concordância com a mudança planejada. Seiya, Shiryu, Hyoga e Ikki expressam a masculinidade heteronormativa, e “traços como assertividade, agressividade, competitividade são percebidos como pouco femininos”. (ZUWICK, 2000, p. 36). Por esse motivo, a escolha da equipe foi pelo sujeito cuja personalidade era sensível, a armadura era cor de rosa e as feições mais delicadas – como se Shun, dessa forma, estivesse destinado a se tornar Shaun. É uma associação a características culturalmente edificadas para a mulher, e que afirmam, na estruturação da Gaiola Normativa, que o feminino deve ser apresentado como sensível, gentil, sonhador, vulnerável, gracioso. Por outro lado, reitera-se que, no olhar normalizador, um homem jamais poderia ser detentor de tais características. Nas palavras de Sabat (2003, p. 68), a diferenciação que motivou a existência de Shaun vincula-se, portanto, a um “[...] conjunto de normas, regras, procedimentos que regula e normaliza não apenas as identidades sexuais como também as identidades de gênero, estabelecendo

maneiras usuais de ser, [...] dirigindo-os ao encontro do gênero/sexo oposto”.

Nos comentários selecionados, ressalta-se a representatividade que já existia na figura de Shun, e o questionamento acerca da sensibilidade, como sendo atributo constituinte do feminino. A reflexão conecta-se à noção de que homens e mulheres estariam classificados numa dicotomia, e um não poderia adentrar o espaço do outro. Em uma das falas, a regulação é expressa de modo contundente e simples, na afirmação de que meninas usam rosa e meninos usam azul. Analisa-se que, desde o nascimento, o grupo social divide as crianças mediante o gênero, como se esse fosse um aspecto natural e inerente ao ser humano. De acordo com Moreno,

a criança nasce num mundo em que percebe a presença de outros seres, já com códigos e valores estabelecidos, e a necessidade de ser aceita para sobreviver. Aos poucos, vai descobrindo, decodificando e reproduzindo esses códigos e valores, tentando construir seu *eu social*, seu *pertencimento global*. Para isso, observa o mundo ao redor, percebe o que se faz, o que é – e não é – aceito e valorizado, aprende a decodificá-lo, conhecer seus valores e portar-se em conformidade com isso. Aprende a sorrir, a seduzir, a se expressar e se comportar conforme os padrões exigidos e valorizados em seu meio. (2008, p. 31, grifos da autora).

Nos padrões exigidos, encontram-se os efeitos da Gaiola. E o gênero *shonen*, ao englobar um gama de tramas, enuncia o pertencimento de personagens a um mesmo grupo, seguindo uma linha que os aproxima e que é marcada pela masculinidade baseada na violência, na luta, no combate a um inimigo. Cita-se que, num contraponto ao *shonen*, existe o *shoujo*²⁷ – que no japonês significa “pequena garota”, e abrange quadrinhos e animações dirigidos ao público feminino, geralmente para meninas a partir dos 12 anos de idade. As narrativas têm como principais traços o protagonismo feminino e o foco em ligações românticas, em detrimento de lutas e do combate aos vilões, o que faz com que em muitos momentos, *shonen* e *shoujo* sejam vistos como tipos contrários. Essa oposição atesta a separação do feminino e do masculino, dado que até na identificação de “gêneros opostos” é comunicado que mulheres e homens estão em lados antagônicos de uma balança.

²⁷ São exemplos populares *Sailor Moon*, *Card Captor Sakura*, *Itazura na Kiss*, *Fruits Basket*, *Kamisama Kiss*.

Por isso, no *shonen* e entre os cavaleiros, não poderia existir um rapaz sensível, que prefere o diálogo à luta. E, mesmo num discurso que ambiciona trazer a inclusão, como foi colocado por Eugene Son, essa reiteração permanece, citando os comentários que externam a obrigatoriedade de a mulher ser sensível, e de o homem não o ser. É uma oposição que faz com que Shun de Andrômeda seja parte de um grupo de manifestações do gênero que “[...] parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural”. (BUTLER, 2010, p. 39).

Certamente, não se pretende aqui julgar a *Netflix*, ou mesmo o roteirista Eugene Son, expondo-os como condenáveis ou limitá-los ao simples equívoco. O caso abordado foi, de fato, uma evidenciação de que na sociedade continua enraizado o discurso que especifica como os sujeitos devem se expor ao mundo. A transformação promovida em Shun, tendo justificativa no protagonismo feminino, foi uma expressão de que não somente a construção da feminilidade, mas a construção da masculinidade é moldada por uma série de restrições. E a ação da Gaiola ficou explícita não apenas porque Shun era um personagem do universo *shonen*, mas porque ele já era por si uma transgressão desse universo.

No contexto de *Os Cavaleiros do Zodíaco*, Shun abriu espaços. De acordo com Moreno (2008, p. 32), “a civilização é uma instância poderosa de canalização e educação do desejo, de maneira a orientar e auxiliar cada qual a perceber o que é desejável (isto é, o que é permitido desejar) e o que é indesejável (o que é proibido desejar)”. Ambos os lados foram expostos nos comentários: o desejável conecta-se a uma conformidade com o que é declarado pelos ditames da Gaiola, e que deve ser corroborado pelos personagens da animação. O indesejável concentra-se na transgressão dessa imagem específica, quando aspectos não são limitados à dicotomia e avançam para o âmbito da pluralidade. Andrômeda inclinou-se para o plural por trazer alternativas; ao coexistir com protagonistas marcados pelo modelo de masculinidade dominante, ele viabilizou a sensibilidade, gentileza e empatia como atributos positivos, e não como demonstrações de fraqueza. Ao reapresentá-lo como mulher, a multiplicidade foi questionada e os espaços novamente demarcados, tornando-se, então, ao invés de uma subversão do protagonismo masculino tão tradicional do *shonen*, uma reiteração das diferenças culturalmente construídas das posições do homem e da mulher. Conforme Sabat, o discurso heteronormativo tende a

[...] eliminar dúvidas e ambigüidades que, porventura, venham a existir a respeito de determinados sujeitos que se apresentam de maneiras que fogem aos padrões dominantes. Nesse caso, é necessário reforçar o discurso hegemônico de modo a forçar uma identidade definitiva e, de alguma forma, tentar eliminar as ‘marcas’ da diferença. (2003, p. 96),

Shun era ambíguo por não enquadrar-se num modelo dito tradicional. Ele transgredia a masculinidade enunciada pelos colegas de equipe e trazia uma opção para o público, que já não seria compelido a aceitar os músculos, a virilidade e a agressão como únicos marcadores de um sujeito que se identifica com o masculino. De fato, mediante Shun, até o próprio gênero *shonen* era desconstruído para além de representações predeterminadas. No entanto, o discurso dominante continua expressando-se na sociedade, fazendo com que a Gaiola Normativa seja um elemento norteador para a edificação de sujeitos – embora as grades do confinamento heteronormativo não sejam inquebráveis. Afinal, nas dúvidas e desafios feitos à mudança exercida pela *Netflix*, percebe-se que o debate tem tanta força quanto os ditames da Gaiola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma animação cuja trama alicerça-se em batalhas e exibições de poder, Shun de Andrômeda foi um diferencial – principalmente ao considerar o gênero *shonen*, que é caracterizado por trazer personagens musculosos, agressivos e interessados em alcançar aumento de força por meio da derrota de seus inimigos. Na (re)produção da heteronormatividade e de atributos declarados “naturais” para um conjunto de sujeitos, tem-se, nas palavras de Butler (2001, p. 154), a representação de “[...] um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas”. Shun, sob outro ponto de vista, desviava-se da produção regulada exposta na concepção da Gaiola Normativa. Ao mostrar-se sensível, gentil e empático, além de ter uma aparência que não correspondia ao que fora enunciado pelos seus companheiros de equipe – e até em personagens de outras animações, Shun propiciava uma subversão das expectativas do *shonen*. Assim, o cavaleiro era uma evidência de que a Gaiola não é uma estrutura intransponível, visto que, segundo Sabat (2003), os investimentos praticados numa identidade hegemônica não são concludentes e, em suas possíveis falhas, abre-se espaço para a subversão. A transgressão de *Shun*, contudo, teve consequências. Piadas vexatórias e exclusão do personagem sob o aspecto mercadológico são exemplos de que, a despeito do

reconhecimento da subversão, permanecem inseridas na sociedade a desconfiança e rejeição ao que se desvia da norma.

Tal questão foi identificada nas ações da *Netflix*, em seu *reboot* de *Os Cavaleiros do Zodíaco*. No *trailer* realçou-se para o público a transformação de Shun em uma mulher, apresentando, então, o nome de Shaun. A reação foi tamanha que extensos debates e considerações foram publicados na página de veiculação do *trailer*, e nessas opiniões manifestaram-se tanto a ação da heteronormatividade, quanto os questionamentos dos discursos que constroem feminilidades e masculinidades específicas. Nas falas que defendiam a criação de Shaun, distinguiu-se a reflexão de que a sociedade perpetua olhares que tendem a regular e diminuir, reforçando uma ideia de identidades hierárquicas em detrimento de identidades que não estariam em conformidade com as expectativas hegemônicas. Deveras, tais expectativas foram expressas em diversos comentários de rejeição ao *trailer*, nos quais sujeitos externaram a reiteração da heteronormatividade.

No entanto, as notas de rejeição não são unilaterais. No presente artigo, foram elencadas falas daqueles que questionaram não a construção do personagem Shun, mas as motivações e significações da escolha da *Netflix* por alterar, justamente, o Cavaleiro de Andrômeda. De acordo com as publicações de Eugene Son no *Twitter*, a pretensão era a de incluir uma personagem feminina na equipe principal de cavaleiros, com o fim de ressaltar o protagonismo feminino. Entretanto, conforme os comentários citados e por intermédio do que foi desenvolvido na análise, a opção por tornar mulher um sujeito sensível, empático e portador de uma armadura na cor rosa, trouxe a repetição de traços normalizadores e associados ao feminino. É uma perspectiva que compreende homens e mulheres como sujeitos essenciais, portadores de atributos divisados por um abismo intransponível. Na desconstrução de tal perspectiva, concluiu-se que Shun já era uma subversão da masculinidade reguladora, e torná-lo mulher insistiu que “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. (BUTLER, 2010, p. 59).

Reforça-se que não houve o propósito de julgar a *Netflix*, o roteirista Eugene Son ou os autores dos comentários, como antagonistas no caso. O objetivo foi debater, por meio de Shun e da mudança proposta pelo *reboot*, os ditames presentes no grupo social e que foram internalizados de tal maneira que acabam reproduzidos, mesmo quando a busca é pela multiplicidade. De acordo com Sabat (2003, p. 103), “[...] qualquer escolha está desde sempre inserida em estruturas de poder existentes, logo, são limitadas e limitantes”. Ou seja, Shun seria o candidato mais apropriado, conforme

as regras normativas, para a modificação. Desse modo, como mulher, ele se tornaria coerente ao corresponder aos elementos hegemônicos de gênero. É uma escolha que não foi feita por acaso, dado que a *Netflix* e a equipe designada na produção do *reboot* não desenvolveu Shaun como uma ação isolada e desvinculada do contexto. A regulação enunciada pela compreensão de que as qualidades de Shun seriam mais pertinentes a uma mulher faz parte de um discurso inserido no corpo social. Assim, a existência de Shaun está aliada à reflexão de que o discurso dominante, embora questionado, continua a projetar representações para os sujeitos enxergarem a si, e interpretar os outros. Portanto, Shun de Andrômeda não se limita a sua defesa da deusa Atena na ficção: ele é um personagem que se manifesta na dita realidade, numa transgressão que é reconhecida e, por conta disso, rastreada pela Gaiola Normativa, a fim de ser confinada e adequada a um formato aceito pela expectativa hegemônica.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.151-172.

C&A lança roupas de Cavaleiros, mas se esquece de um deles. Disponível em: <https://maisdeoitomil.wordpress.com/2016/08/16/ca-lanca-roupas-de-cavaleiros-mas-se-esquece-de-um-deles/>. Acesso em: 11 jan. 2019.

OS CAVALEIROS DO ZODÍACO: Netflix transformou Andrômeda em mulher... e os fãs surtaram! CinePop. Disponível em: <https://cinepop.com.br/os-cavaleiros-do-zodiaco-netflix-transformou-andromeda-em-mulher-e-os-fas-surtaram-196081>. Acesso em: 15 jan. 2019.

COSTA, Maria Cristina Castilho. *Ficção, comunicação e mídias*. São Paulo: Senac São Paulo, 2002.

MORENO, Rachel. *A beleza impossível: mulher, mídia e consumo*. São Paulo: Ágora, 2008.

SABAT, Ruth. *Filmes infantis e a produção performativa da heterossexualidade*. 2003.183f. Tese (Doutorado em Educação) –

Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2003.

SOUZA, Camila. *Os Cavaleiros do Zodíaco. Roteirista fala sobre mudança em Shun Personagem é uma mulher no novo anime da Netflix. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/os-cavaleiros-do-zodiaco-roterista-fala-sobre-mudanca-em-shun>. Acesso em: 15 jan. 2019.*

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

ZUWICK, Ana Maria. Emancipação feminina: obstáculos e perspectivas para sua construção. *In: STREY, Marlene Neves; MATTOS, Flora; FENSTERSEIFER, Gilda; WERBA. Graziela (org.). Construções e perspectivas em gênero*. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2000. p. 33-40.

VÍDEO UTILIZADO:

NETFLIX BRASIL. *Saint Seiya: Os Cavaleiros do Zodíaco. Trailer Oficial [HD]* | Netflix. 2018. (01m11s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oa7sVeYkrKA>. Acesso em: 2 jan. 2019.